

## UMA PROMESSA E UM JURAMENTO (6:13–20)

Depois de admoestar os hebreus a não serem indolentes, ou preguiçosos, o autor agora traz à lembrança deles o maior exemplo de fé e paciência da história. Esta é a segunda menção de Abraão (veja 2:16). Depois disso, seu nome ocorre com crescente frequência. Talvez o autor também estivesse mostrando àqueles cristãos hebreus distantes da lei como Deus Se relacionou com os pais de Israel. Ele já fizera isso ao mostrar como a lei foi outorgada 430 anos após a promessa de um “descendente” ter sido feita a Abraão. Esta promessa ímpar cumpriu-se com a vinda de Cristo (Gálatas 3:16–19).

### DEUS CUMPRE SUAS PROMESSAS (6:13–15)

<sup>13</sup>Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, <sup>14</sup>dizendo: Certamente, te abençoarei e te multiplicarei. <sup>15</sup>E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa.

A promessa de Deus a Abraão está registrada em Gênesis 12:1–7; 15:5; 17:5–8 e 22:15–18. Uma das razões para dar destaque a Abraão é que ele já havia recebido o cumprimento da promessa que lhe fora feita. F. F. Bruce especulou que ao receber Isaque ressuscitado dos “mortos... figuradamente”, ele “realmente, num sentido muito sólido, ‘obteve a promessa’”.<sup>1</sup> A promessa relativa a seu “descendente” foi então confirmada. Parte da promessa – que incluía a salvação em Cristo (Gálatas 3:26–29) – não foi recebida até a sua morte. Abraão, juntamente com muitos outros de famílias judias e gentias, receberão no fim a pleni-

<sup>1</sup>F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964, p. 129.

tude da salvação no céu (veja Mateus 8:11).

Sempre que o Novo Testamento fala de fé, Abraão é mencionado. O leitor que pode se identificar com esse patriarca em sua devoção à promessa divina reconhecerá a submissão de Abraão a Melquisedeque como um exemplo a ser seguido. Essa prefiguração representa a necessidade de submissão fiel a Cristo, o novo “Melquisedeque”, conforme estabelecido em 7:1–10.

A promessa a Abraão e o juramento de Deus estão registrados em Gênesis 22:15–18; e em nenhuma outra ocasião Deus confirmou a promessa a Abraão com juramento. Qual era a promessa? Ele seria individualmente abençoado; teria numerosos descendentes; através de sua descendência, o Messias viria ao mundo (Gálatas 3:16) e ele seria pai de todos os fiéis através desse “descendente”. Todos os cristãos, ao fazerem parte de Cristo, tornam-se “descendência de Abraão”, ou seja, seus “descendentes” na fé (Gálatas 3:26–29).

Um juramento da parte de Deus nos parece desnecessário, mas Filo pode ter tido razão ao dizer que ele foi feito puramente como uma acomodação a uma necessidade humana<sup>2</sup>. Talvez Abraão precisasse da certeza que o juramento de Deus ofereceu. Muito do que Deus prometeu a Abraão estava reservado para um futuro distante. A demora do cumprimento pode ter intensificado a necessidade de um juramento para ajudar Abraão a preservar a fé.

A literalidade do hebraico na promessa do Antigo Testamento se reflete na tradução da RA: “Deveras [“com certeza”; S21] te abençoarei” (Gênesis

<sup>2</sup>Neil R. Lightfoot, *Epístola aos Hebreus, Jesus Cristo Hoje*. Comentário Bíblico Vida Cristã. Trad. Neyd V. Siqueira. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1981, p. 160; Filo, *Os Sacrifícios de Abel e Caim* 29.94–96; *Interpretação Alegórica* 3.72–73.

22:17). O uso duplo de “bênção” no original para efeito de ênfase é exprimido pelo advérbio “certamente” (v. 14). A promessa já era certa, mas o acréscimo do juramento de Deus intensificou essa certeza. Quando homens fazem juramentos, apelam a um poder superior que seja capaz de puni-los se não cumprirem a palavra. Isto não poderia ser feito com Deus, pois não existe ser maior a quem a apelação poderia ser feita. Por isso, ao fazer o Seu juramento, Deus penhorou Sua própria existência para garantir que a promessa seria cumprida. Quando homens juram pelo nome de Deus, precisam crer que Deus existe, que Ele recompensa (Hebreus 11:6) e que Ele castiga os que Lhe desobedecem; de outra forma, tal juramento não teria significado.

Hebreus é o livro da “promessa”. Esse vocábulo aparece flexionado como substantivo e verbo dezoito vezes em Hebreus – mais do que em qualquer outro livro do Novo Testamento<sup>3</sup>. Após paciente perseverança, Abraão recebeu o cumprimento da promessa que Deus fez. A promessa de Gênesis 12:1–3 foi feita quando Abraão tinha setenta e cinco anos de idade. Foram mais vinte e quatro anos até que ele visse o início desse cumprimento na concepção de Isaque e depois no seu nascimento. Depois da tentativa de sacrificar Isaque, Deus renovou a promessa para Abraão e jurou por Si mesmo (Gênesis 22:16). Abraão provavelmente viveu para ver o nascimento de seus netos Jacó e Esaú. Todavia, pela fé, ele viu o dia de Cristo e regozijou-se (João 8:54–56). Sua grande fé é descrita como “esperar com paciência”. Ele foi ficando mais forte na fé a cada prova (Romanos 4:20); porém por muitas das bênçãos prometidas, ele teve que esperar até além da morte. Se o cumprimento fosse imediato, seria desnecessário um juramento.

O juramento de Deus certificou Abraão de que ele viveria muitos anos para ver sua posteridade, que Deus o protegeria de qualquer mal, mesmo quando ele confrontasse inimigos e que ele seria pai de uma multidão – não só fisicamente, mas também na fé, pai de uma descendência espiritual (Gálatas 3:7, 26–29).

### DEUS CUMPRE SUA PROMESSA COM CERTEZA (6:16, 17)

<sup>16</sup>Pois os homens juram pelo que lhes é superior, e o juramento, servindo de garantia, para eles, é

<sup>3</sup>Neil R. Lightfoot, *Everyone's Guide to Hebrews*. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 2002, p. 83.

o fim de toda contenda. <sup>17</sup>Por isso, Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, Se interpôs com juramento.

A palavra “garantia” (βεβαίωσις, *bebaiosis*) foi, por mais de setecentos anos, o termo oficial empregado quando homens garantiam legalmente uma venda<sup>4</sup>. Quem quisesse comprar alguma coisa, podia dar um pagamento de entrada como sinal de sua boa fé em pagar o restante no futuro. Esse pagamento serve como um “juramento” de que o comprador completará a compra ou perderá o pagamento de entrada. Não pagar o débito total resultaria em castigo para quem não cumprisse a palavra.

Pessoas de todas as nações consideram o juramento um ato sério e válido para todas as partes envolvidas. Quando o indivíduo não respeita seu juramento com seriedade, essa falta de honestidade sempre indica declínio moral. Deus quis que a questão da herança prometida se estabelecesse de uma vez por todas. Com Sua promessa e juramento, todas as dúvidas poderiam ser suprimidas.

No tempo em que Cristo viveu na terra, os judeus – particularmente os escribas e os fariseus – haviam desenvolvido um sistema em que “juramentos por coisas de menor valor” não acarretavam a obrigação de cumprir o prometido. Provavelmente mantinham esse sistema em segredo entre eles, mas Jesus os conhecia e expôs a hipocrisia deles por causa de tais práticas (Mateus 23:16–22). Quem jurava “pela própria barba” ou “pelo santuário de Deus” não era obrigado a cumprir o juramento. Se uma pessoa sob juramento era acusada de mentir, a lei exigia duas ou três testemunhas dessa mentira para que o indivíduo fosse declarado culpado (Hebreus 10:27, 28; veja Deuteronômio 17:6; 19:15; Mateus 18:16; João 8:17, 18; 2 Coríntios 13:1). Ao contrário desse sistema, Jesus ensinou Seus discípulos a dizerem a verdade, tornando o juramento desnecessário (Mateus 5:33–37; Tiago 5:12). O ensino de Jesus sobre juramentos não proibia que se jurasse dizer a verdade num tribunal legal. Ele mesmo só respondeu a pergunta sobre ser Ele o Filho de Deus quando foi posto sob juramento (Mateus 26:63, 64).

Os hebreus eram “herdeiros da promessa” (v. 17), mas deviam ser particularmente reassegu-

<sup>4</sup>Adolf Deissmann, *Bible Studies*, trad. Alexander Grieve. Edinburgh: T. & T. Clark, 1901, pp. 104–9.

rados para saber que em Cristo ainda tinham suas promessas divinas. Todo cristão é “herdeiro” (ou “co-herdeiro”) com Cristo, o que significa que ele é herdeiro tanto quanto Cristo (Romanos 8:17). O legado de Abraão não é somente para os judeus, mas também para os crentes gentios em Cristo. O plano final de Deus para o Seu povo jamais muda. Portanto, Suas promessas para nós são “imutáveis”.

Algumas promessas de Deus são condicionais; elas podem não vir a se concretizar se não cumprirmos as exigências ou condições. Como, então, a aliança poderia ter alguma garantia? Podemos confiar em Deus, pois é Ele quem garante. Podemos crer que as promessas de Deus serão cumpridas quando o fator humano não estiver envolvido. Por exemplo, o fim do mundo está chegando, independentemente de nossos atos.

### DEUS CUMPRE SUA PROMESSA COM ABSOLUTA EXATIDÃO (6:18, 19)

<sup>18</sup>Para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; <sup>19</sup>a qual temos por âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu.

Em total harmonia com Sua vontade, Deus provê duas testemunhas para garantir a Abraão que Ele seria fiel a Suas promessas. À promessa imutável de Deus foi acrescentado Seu juramento imutável; assim as “duas coisas imutáveis” são Sua promessa e Seu juramento.

Deus não mente nem faz nada incoerente com a Sua natureza; mas tudo que é coerente com Sua natureza, Ele pode fazer e o fará, se necessário for. Ele pode criar um universo ou ressuscitar mortos, mas Ele não mente nem nega a Si mesmo (2 Timóteo 2:13). Se Ele violasse Seu juramento, as próprias leis do Seu ser seriam infringidas. Então Ele deixaria de ser o Deus que conhecemos e amamos.

O mundo antigo acreditava universalmente que era impossível Deus mentir. R. C. H. Lenski escreveu: “[Qualquer um] que viesse a abandonar a Cristo e retornasse ao judaísmo acusaria Deus de uma mentira dupla: que Sua promessa não significa o que ela diz, e que Seu juramento é perjúrio”<sup>5</sup>.

<sup>5</sup>R. C. H. Lenski, *The Interpretation of the Epistle to the Hebrews and of the Epistle of James*. Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1946, p. 203.

Nós “já corremos para o refúgio” (v. 18) em Deus, assim como um assassino debaixo da lei mosaica fugia para uma cidade de refúgio<sup>6</sup> (Números 35; Josué 20) ou um marinheiro escapava da fúria de uma tempestade num porto protegido. Povos antigos, quando fugiam de terrores diversos, refugiavam-se em seus templos. Debaixo da nova aliança, os cristãos encontram segurança atrás do véu do novo santuário de Deus. Temos total segurança com Cristo, o qual já entrou nele. Quando penetramos “além do véu” (v. 19), estamos seguros nos braços de Jesus.

Esta segurança também é uma libertação de toda escravidão. Cada um de nós chegará a uma fase na vida em que precisará de Deus como refúgio e força. Muitos já encontraram ânimo em Salmos 46:1 e 2:

Deus é o nosso refúgio e fortaleza,  
socorro bem presente nas tribulações.  
Portanto, não temeremos ainda que a terra se  
transtorne  
e os montes se abalem no seio dos mares.

Somos como refugiados correndo deste mundo atual, que pode desaparecer em breve. Nosso santuário é o que está no céu, não é um santuário terreno. Nossa esperança nos mantém avançando; temos provas pela fé na esperança estabelecida diante de nós, “a cidade... que há de vir” (13:14).

Deus quis nos prover “forte alento” (v. 18). A palavra para “alento” é *παράκλησις* (*paraklesis*), que também pode significar “consolação”, “conforto” ou “exortação”. Todos esses pensamentos estão inclusos nas promessas de Deus. Recebemos grandioso alento através dessas promessas; podemos confiar seguramente nelas. Deus sempre provê uma saída da tentação, se estivermos dispostos a procurar essa saída, esperar por ela e aproveitá-la (1 Coríntios 10:13).

A esperança baseada em promessas como as citadas em João 14: 1 e 2 serve de âncora da alma (v. 19). Um navio não fica à deriva quando está devidamente ancorado, nem nós. Se a âncora for forte, ela não arrebentará; e se estiver seguramente

<sup>6</sup>A cidade de refúgio ainda seria como uma prisão; pois se um assassino saísse dali, poderia ser morto por “vingança de sangue”. Uma forma da mesma palavra que significa “prisão” é usada para significar “fugiu para refúgio” na LXX em Deuteronômio 4:42 e Josué 20:6 (20:9 em inglês). (Gareth L. Reese, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Hebrews*. Moberly, Mo.: Scripture Exposition Books, 1992, p. 100, n. 78.)

amarrado, o nosso navio da vida estará seguro. Se perdermos nossa gloriosa esperança, então tudo estará perdido. A analogia da âncora era comum no mundo antigo. Sócrates disse: “Um navio não pode depender de uma única âncora, ou a vida de uma única esperança”<sup>7</sup>. Um marinheiro lança uma âncora mar adentro, mas a âncora do cristão está no céu, onde Jesus já “penetrou além do véu” (6:19; veja 9:24). Nossa âncora é Cristo – “Cristo em vós, a esperança de glória” (Colossenses 1:27; veja 1 Timóteo 1:1).

Alguém poderia esperar que o autor dissesse: “Estamos ancorados no solo firme de um porto seguro”. Todavia, valendo-se de um “nobre recurso retórico”<sup>8</sup>, ele retomou o assunto do Sumo Sacerdócio de Cristo.

### DEUS CUMPRE SUAS PROMESSAS POR MEIO DE JESUS (6:20)

<sup>20</sup>Onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-Se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.

Nenhum sacerdote do Antigo Testamento podia conduzir os adoradores ao recinto que ficava atrás do véu, como fez Jesus, e nenhum sacerdote do Antigo Testamento poderia ser nosso “precursor”. Esta palavra, *πρόδρομος* (*prodromos*), é usada para um espião que vai adiante de um exército. Temos “uma esperança... que entra no lugar interior, além do véu” (S21), e isto indica que o Santo dos santos do templo era um símbolo da glória no céu (veja 9:11, 12). Esse é o lugar para onde Jesus foi com Seu sangue derramado em nosso favor.

Jesus um dia nos levará para o céu com Ele. Os sacerdotes terrenos só entravam naquilo que era uma sombra do celestial. O “véu” pode sugerir o ponto entre os mundos material e imaterial. Tendo entrado no mundo transcendente, Cristo abriu “um novo e vivo caminho” para seguirmos (10:20–22). Tais promessas são “seguras e firmes” (v. 19) porque as palavras de Deus sempre se provam verdadeiras. Se Ele falhasse num único ponto, nós o teríamos por mentiroso e não confiaríamos em nenhuma de Suas promessas.

<sup>7</sup>Citado em Lightfoot, *Epístola aos Hebreus, Jesus Cristo Hoje*. Comentário Bíblico Vida Cristã. Trad. Neyd V. Siqueira. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1981, p. 156, n. 27.

<sup>8</sup>Gerald F. Hawthorne, “Hebreus” em *Comentário Bíblico NVI*, ed. geral F. F. Bruce. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 2109.

Assim como João Batista foi o precursor de Jesus, Jesus é o nosso precursor, o qual preparou o caminho e está preparando um lugar para nós (João 14:1–3, 6). “Precursor” pode se referir aos primeiros brotos da primavera e às primeiras gotas das primeiras uvas prensadas no lagar<sup>9</sup>. Bruce disse que o termo era geralmente usado nos escritos gregos para grupos de cavalaria em ações de reconhecimento enviados antes do exército para encontrar local para montarem acampamento e evitar surpresas da parte do inimigo<sup>10</sup>. Arão entrava regularmente no Lugar Santo, porém nunca como um “precursor”. Jesus é nosso precursor; Ele já foi na frente para facilitar o trajeto para nós.

Jesus é nosso “bandeirante” e penetrou o céu para que tenhamos a segurança de seguir uma trilha bem marcada, ainda que às vezes escarpada, até o destino eterno. Quando Cristo morreu, o véu do santuário rasgou-se de cima a baixo, um ato que só Deus poderia realizar (Mateus 27:51); o caminho para a glória está agora aberto à vista de todos.

---

## PREGANDO SOBRE HEBREUS

---

### UM JURAMENTO: O FIM DE TODAS AS DISCUSSÕES (6:15, 16)

Seres humanos se esquecem do que prometeram, por isso precisamos de testemunhas. Todavia, testemunhas podem se esquecer, por isso existem os documentos legais. Essas promessas precisam ser cuidadosamente anotadas para que não haja dúvida quanto às condições para se receber o que foi prometido. Os intérpretes precisam ser honestos, ou surgirão dúvidas. O ideal, porém, era que o juramento ou voto não deixasse margem para discussões. No passado, a palavra de um homem era de fato a Sua garantia e ele cumpriria o prometido a todo custo! Se todos os homens fossem honrosos e verdadeiros, como devemos ser no reino de Cristo, a palavra de um seria confiável. Se todas as pessoas fossem completamente fiéis umas com as outras, muitos dos desentendimen-

---

<sup>9</sup>James T. Draper Jr., *Hebrews, the Life That Pleases God*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1976, p. 174. Craig R. Koester disse que o termo poderia ser aplicado a um grupo avançado de soldados ou esquadras, ou até a um corredor que se distancia do grupo para ganhar a corrida. (Craig R. Koester, *Hebrews: A New Translation with Introduction and Commentary*, The Anchor Bible, vol. 36. Nova York: Doubleday, 2001, p. 330.)

<sup>10</sup>Bruce, p. 132, n. 83.

tos e problemas que temos hoje – tanto na igreja como na comunidade secular – seriam resolvidos. Oremos para que chegue esse tempo.

### O JURAMENTO (6:16)

Muitos deduzem que Jesus proibiu todas as formas de juramento em Mateus 5:34, mas esta opinião pode ser muito radical. O próprio Jesus só respondeu sob juramento se era, de fato, o Cristo, o Filho de Deus (Mateus 26:63, 64); Paulo se colocou sob juramento em 2 Coríntios 1:23 e 11:30. Tiago 5:12 usa uma linguagem semelhante mas se refere a “qualquer *outro* voto” (grifo meu). Este mundo é dos *allos*, ou seja, “outro do mesmo tipo” e não dos *heteros*, ou seja, “outro de um tipo diferente”. Os fariseus desenvolveram entre si um sistema para saber quando um juramento a outro membro de seu grupo era válido e quando o responsável pelo juramento não era obrigado a cumpri-lo. Jesus, com efeito, disse: “Sempre digam a verdade, e assim os juramentos serão desnecessários”. Os cristãos não têm que jurar com um voto porque os discípulos de Cristo são fiéis e fidedignos. Nos Estados Unidos, os tribunais permitem que a pessoa diga “Eu juro” ou “Eu afirmo” porque não existe diferença legal entre ambas as declarações. Se uma pessoa mente perante o tribunal depois de dizer “Eu afirmo”, ela é culpada de perjúrio tanto quanto se tivesse dito “Eu juro solenemente”.

Um cristão deve ser conhecido como uma pessoa que cumpre a palavra. Todavia, ao agir de acordo com a lei, a mera palavra de uma pessoa pode não ser suficiente, podendo ser feito um juramento. Mesmo quando se promete realizar determinado trabalho por um pagamento e condições especificados, deve-se manter a palavra. Em 1984 os controladores do tráfico aéreo do território norte-americano decidiram fazer greve por melhores salários e condições de trabalho. Segundo o contrato de trabalho dessa categoria e as leis nacionais esse ato se classificava como crime. Por causa da lei e da necessidade de segurança pública, o Presidente ameaçou demitir todos que continuassem em greve. Os operadores não acreditaram que ele fosse fazer isso, mas ele declarou que eles haviam jurado continuar a trabalhar e demitiu os que se recusaram a honrar esse juramento.

### A PALAVRA DE DEUS É VERDADEIRA E IMUTÁVEL (6:18)

A Palavra de Deus é sempre verdadeira; com

base nisso podemos descansar seguros da eterna fidelidade de Deus. Ele não mente nem falta com Suas promessas a nós. Nós gostamos de abrir algumas exceções às condições determinadas por Deus para obtermos perdão, mas não nos foi dada essa prerrogativa. Nosso dever é apenas pregar as condições do perdão que Ele estabeleceu e depender da veracidade da Sua Palavra.

Na parábola do rico e Lázaro, o rico, estando no inferno, clamava por uma misericórdia excepcional para com seus irmãos que ainda estavam vivos na terra (o que implica que ele se encontrava num estado intermediário). A resposta que ele recebeu foi praticamente esta: “A Palavra revelada de Deus dada por Moisés e os profetas é suficiente. Seus irmãos foram totalmente advertidos a mostrar misericórdia pelos pobres, o que você não fez. Pecadores endurecidos como eles não mudam nem que ouçam que Alguém ressuscitou dos mortos. Para eles não há esperança, por isso seria perda de tempo operar algum milagre especial diante deles” (Lucas 16:27–31).

### A ÂNCORA E OUTROS SINAIS (6:19)

Ao fim do segundo século, a imagem de uma âncora passou a ser um símbolo da esperança cristã, juntamente com a pomba, que simbolizava o Espírito. O desenho de um peixe tornou-se um ícone de fé, pois o equivalente grego de “peixe” (ἰχθύς, *ichthus*) forma um acróstico de “Jesus Cristo Deus Filho Salvador”<sup>11</sup>. Nos túmulos de alguns cristãos da antiguidade era comum ver o sinal de uma âncora representando esperança. Essas coisas são desnecessárias aos que confiam na Palavra de Deus. Cristo nos deixou apenas dois símbolos – o batismo e a ceia do Senhor. O batismo é um símbolo em que a salvação do pecado realmente ocorre quando o indivíduo é “batizado em Cristo”. Paulo lembrou os romanos desta verdade em Romanos 6:3 (veja Gálatas 3:26, 27); Pedro deixou implícita essa mesma lição em 1 Pedro 3:20, 21. O pão e o cálice partilhados na ceia do Senhor simbolizam nossa participação no corpo e no sangue de Cristo (1 Coríntios 10:16). Participando da ceia, proclamamos a morte de Cristo e a nossa expectativa de Sua segunda vinda (1 Coríntios 11:26). Acrescentar outros símbolos

<sup>11</sup>As palavras representadas por esse acróstico são Ἰησοῦς (*Iesous*, “Jesus”), Χριστός (*Cristos*, “Cristo”), Θεός (*Theos*, “Deus”), υἱός (*huios*, “Filho”) e σωτήρ (*soter*, “Salvador”).

não autorizados pode reduzir a significância dos dois únicos símbolos que nos foram dados. Certamente, a sabedoria de Deus não precisa ser aprimorada por ideias humanas.

Usar uma cruz não tem maior valor do que usar uma âncora. Esta prática é de fato prejudicial se o usuário começar a pensar que o símbolo “influencia” a sua vida de alguma forma. A única significância dos símbolos é servirem de lembretes de nossa fé forte no Senhor.

Nossa âncora é a esperança que temos em Cristo. Nossa fé e esperança nos impedem de estremecer em meio às tempestades comumente provocadas por descrentes. O autor de Hebreus não usou a metáfora da âncora mais além do que convinha; ele só estava ilustrando que os cristãos têm um ancoradouro seguro durante as tempestades da vida.

## O LUGAR DE DEPÓSITO DA NOSSA ESPERANÇA (6:20)

Nossa esperança deve ser depositada em Jesus, nosso precursor. Ele foi adiante preparar o caminho para nós. Devemos olhar para Ele como superior a qualquer outro ser (12:1, 2). “Nada deve se colocar entre nós e Deus, exceto nossas obstinadas vontades, nossa recusa de entregar a vida a Ele.”<sup>12</sup> Ao entrar no céu, Jesus possibilitou que nós o seguissemos. A nossa esperança está firmada no céu mais do que em coisas terrenas? Em Colossenses 3:1–4, somos admoestados a manter a mente nas “coisas do alto”. Os justos que já morreram aparecerão com Cristo na glória. Sabendo que Cristo já está lá, é nisto que devemos depositar a nossa esperança.

<sup>12</sup>Draper, p. 174.

### Hebreus: Um Livro para as Pessoas de Hoje

Hebreus é um livro difícil e, por conta disso, muitas vezes seu estudo é negligenciado. A igreja tem perdido seus ensinamentos e tem empobrecido por causa dessa perda.

O que podemos dizer sobre Hebreus hoje? Haverá fatos a respeito desse livro que o tornam mais relevante ao nosso tempo do que imaginamos? Quais fatores permitem que nos identifiquemos com o escritor e seus amigos, e quais nos estimulam a ler Hebreus com essa segurança? Uma série de considerações podem nos ajudar a trazer Hebreus para o âmbito das nossas experiências como cristãos que vivem no século XXI.

1) *Ele é um sermão*, e não uma carta. Devemos analisar Hebreus como analisamos qualquer sermão, com uma prontidão para ouvir o que quem é sensível a Deus e profundamente preocupado com o Seu povo tem a dizer.

2) *Ele fala do custo do discipulado*. O livro se reporta a um grupo de cristãos que estavam avaliando o custo da entrega a Cristo.

3) *Ele aborda a fragilidade humana*. O escritor aprecia o fato de que, sendo seres humanos, nós somos emocionalmente frágeis. Ele entende que é possível nos amedrontarmos quando estamos em perigo.

4) *Ele expressa a preocupação de um amigo*. O escritor entende o perigo dos leitores e seus medos – e ele os compreende.

O que, então, podemos dizer sobre Hebreus hoje? Hebreus é um sermão entranhado na vida real. Ele se dirige a homens e mulheres como nós, que descobrem que podem ser profundamente afetados pelas circunstâncias sobre as quais não têm controle. Ele é uma resposta sensível à fragilidade emocional, característica de cada um de nós. Ele instiga a uma conscientização da luta pessoal do cristão, à medida que explora o custo do discipulado. Hebreus é uma resposta para a fé decaída de homens e mulheres amedrontados... Ele profere uma palavra de Deus dirigida à dura realidade da vida num mundo inseguro.

Se você já se sentiu oprimido por essa realidade, Hebreus é um sermão que você não pode negligenciar.

Adaptado de *Hebrews: A Call to Commitment*  
William L. Lane